

XINGAMENTOS ENTRE ADOLESCENTES EM BRASÍLIA: LINGUAGEM, GÊNERO E PODER

Valeska Zanello

Instituto de Educação Superior de Brasília
valeskazanello@uol.com.br

Bruna Bukowitz

Instituto de Educação Superior de Brasília
brunabuka@gmail.com

Elisa Coelho

Instituto de Educação Superior de Brasília
elisacoelho@gmail.com

Resumo

O xingamento é uma poderosa arma de controle social, pois aponta, no ato de seu uso, determinados lugares sociais que não devem ser ocupados pelos sujeitos. Aquilo que é julgado como indesejável varia de acordo com a cultura, com o momento histórico, com a faixa etária e depende de importantes papéis de gênero. O presente artigo teve como escopo estudar quais xingamentos seriam considerados como mais ofensivos, atribuíveis aos homens e às mulheres, por mulheres e homens adolescentes em Brasília. O objetivo foi analisar os valores de gênero nestas respostas e o controle social que os mesmos exercem no ato de xingar entre os adolescentes. Foram aplicados 380 questionários: 243 na escola privada (119 em homens, 124 em mulheres) e 137 na escola pública da periferia (59 em homens e 78 em mulheres). Os dados foram submetidos a uma análise de conteúdo (Bardin, 1997). Foi possível apreender, em geral, as seguintes categorias: comportamento sexual (ativo ou passivo), traços de caráter (relacional ou de auto-investimento), atributos físicos, atributos intelectuais, família, e personalidade. As categorias de xingamentos mais expressivas atribuíveis aos homens foram o comportamento sexual ativo e traços de caráter de autoinvestimento; já em relação às mulheres, destacaram-se o comportamento sexual passivo e traços de caráter relacionais. Os dados apontam que, apesar das mudanças sociais, os valores exigidos em relação aos homens e mulheres são bastante tradicionais.



Palavras-chave: Xingamentos; Relações de gênero; Adolescência; Violência verbal; Bullying.

Abstract

Name calling is a powerful weapon of social control, since it points out, in the act of its use, certain social positions that should not be occupied by the individuals. However, what is considered as undesirable varies according to the culture, to the historic moment, to the age and depends on important gender roles. This article aimed to study which name calling would be considered more offensive, attributable to both men and women, for women and men adolescents in Brasilia. The objective was to analyze gender values in the responses as well as social control those responses exert in the act of name calling among adolescents. 380 questionnaires were administered: 243 in a private school (119 men, 124 women) and 137 in a public school (59 men and 78 women). The data was subjected to content analysis (Bardin, 1997). It was possible to apprehend in general the following categories: sexual behavior (active or passive), character traits (relational or self-investment), physical attributes, intellectual attributes, family, and personality. The most significant categories of name calling attributable to men were active sexual behavior and self-investment character traits; in relation to women, categories that stood out were passive sexual behavior and relational character traits. The data indicate that, despite the social changes, the values expected from men and women are still fairly traditional.

Keywords: Name calling, Gender relations, Adolescence, Verbal abuse, Bullying.

Introdução

O xingar é um ato de fala realizado quando se proferem certos vocábulos com a intenção de ofender (ou causar ofensa em) outra pessoa. Segundo Houaiss e Villar (2001: 2897), xingar é um verbo que aponta para o ato de “agredir por meio de palavras insultuosas, injuriosas, ofender, descompor, destratar, afrontar”. Geralmente, o xingar tem um efeito catártico sobre quem o profere e um efeito perlocucionário em quem o recebe (se sentir magoado, humilhado, enraivecido, dentre outras possibilidades). O efeito catártico foi assim definido: “liberação de emoções ou tensões

reprimidas, comparável a uma ab-reação” (Houaiss & Villar, 2001: 651). Trata-se de uma tentativa de degradar moralmente o outro.

Para a compreensão da escolha dos vocábulos, no caso dos xingamentos, tal diferença é essencial: não se xinga com o referente (ou significado), mas com o sentido (Frege, 1978). Exemplo clareador é a diferença entre “puta” e “mulher que faz sexo em troca de dinheiro”. Segundo Aranha (2002: 293), “puta” é “um clássico dos insultos brasileiros, componente de inúmeras expressões populares e muito ofensivas. É a mulher que põe preço nas suas habilidades sexuais”. No entanto, se alguém pretendesse ofender a sua interlocutora xingando-a através da fala “Sua mulher que faz sexo em troca de dinheiro!” causaria riso, ironia, e não ofensa. Portanto, o *sentido* faz-se aqui fundamental: trata-se de apontar uma postura *ativa* em relação à sexualidade, fato indesejável, na nossa cultura, para uma mulher. A escolha do vocábulo é, desta maneira, parte essencial da compreensão do ato de xingar, apontando para a história das relações sociais, nas quais a categoria de gênero faz-se evidente e essencial.

O xingamento é assim uma poderosa arma de controle social, pois aponta determinados lugares sociais que não devem ser ocupados pelos sujeitos. No entanto, o que é julgado como indesejável socialmente depende da cultura da qual o sujeito faz parte, de seus valores, da classe social, da faixa etária do sujeito e dos papéis de gênero, de modo que aquilo que é considerado ofensivo para um homem pode não sê-lo para uma mulher e vice-versa. Adolescentes xingam, sob certos aspectos, de forma diferente dos adultos. Portanto, um mesmo xingamento pode adquirir conotações bem diferentes, a depender do uso com que é tomado em contextos específicos. Trata-se do caráter pragmático da linguagem, isto é, a ideia segundo a qual o sentido de uma palavra é seu uso (Wittgenstein, 1991).

Os xingamentos são aplicados em situações diversas e têm o poder de interpelar afetivamente o interlocutor pela referência direta aos valores que apregoa e que são constitutivos do sujeito social. Segundo Stapleton (2003), os xingamentos constituem um tabu linguístico na sociedade ocidental, funcionando na manutenção do comportamento na comunidade.

Além disso, os termos considerados xingamentos e as atitudes que eles provocam mudam com o passar do tempo e os acontecimentos históricos. Ao xingar estamos constituindo, repetindo e reafirmando os valores, exercendo uma espécie de



microfísica do poder (Foucault, 2006) na qual se situam e se (re)constituem (dinamicamente) os lugares sociais (in)desejáveis para os sujeitos.

É nesta direção que Dépêche (2008: 209) apontou que

“(...) a linguagem utiliza uma língua natural, sim, mas ela é uma máquina simbólico-ideológica que funciona conforme as condições de produção/imaginação social (...). A linguagem, então, reflete o meio social, húmus onde ela nasce, mas também cria sentidos, que modelam corpos segundo uma diferença instituída politicamente (...).”

O poder constitutivo das palavras aparece nos próprios preconceitos tornados invisíveis pelo hábito do uso. É o que ocorre nos xingamentos: “A percepção, com o tempo, não mais distingue o preconceito social latente no conteúdo emocional dessas palavras (...)” (Araripe, 1999: 22).

É necessária uma análise adequada para compreendermos o poder que as palavras têm de serem não apenas repressivas, mas constitutivas. Os xingamentos podem, portanto, ser considerados como sintomas¹ de nossa cultura e, como tal, podem ser reveladores de importantes valores em geral e, em específico, das relações de gênero. Em outras palavras: não se xinga de qualquer forma, com qualquer vocábulo; e também há palavras consideradas mais ofensivas do que outras, a depender do sexo do xingado². A categoria das relações de gênero atravessa, conforme aponta a presente pesquisa, as diferentes classes sociais e faixas etárias. Quais são os xingamentos e quais são suas especificidades no grupo denominado em nossa cultura de “adolescentes”? Antes de adentrarmos nessa discussão, faz-se mister apontarmos em que conceito de adolescência o presente estudo se baseou.

Desde Stanley Hall, pioneiro no estudo do desenvolvimento da criança e do adolescente, diversos autores têm refletido de maneira sistemática acerca do tema adolescência. Porém, ao se fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema, é possível

¹ Fazendo menção a Freud, para quem o sintoma era portador de sentido, constituindo-se como uma porta privilegiada para o acesso ao inconsciente, o xingamento pode ser uma porta de entrada para o estudo de valores e papéis sociais constitutivos dos sujeitos.

² Para Fagersten & Dalarna (2007), o maior potencial de uma palavra para ofender depende de sua semelhança ou proximidade com os xingamentos. Os xingamentos são as palavras consideradas mais ofensivas. Em geral, são palavras que apontam para termos ou comportamento sexual. Fägersten, Kristy Beers & Dalarna, Högskolan (2007). A sociolinguistic analysis of swear word offensiveness. Documentos científicos da Universidade do Sarre, Alemanha. Retirado de http://scidok.sulb.uni-saarland.de/volltexte/2007/1173/pdf/Beers_Faegersten.pdf, em 15 de maio de 2010.

se perceber como muitas das concepções desta fase do desenvolvimento estão fortemente relacionadas a estereótipos e estigmas. Hall identificou esta etapa como um estágio transitório, marcado por tormentos, turbulência e conturbações devido à emergência da sexualidade (Ozella, 2002; Ozella, 2005; Pereira, 2005).

Muitas destas ideias vêm sendo questionadas por Ozella (2005) e outros autores, principalmente o caráter universal da adolescência. Ozella (2005:21), subsidiado por estudos antropológicos, defendeu a ideia de que a adolescência foi criada historicamente pelo homem, "(...) enquanto representação e enquanto fato social e psicológico. É constituída como significado na cultura, na linguagem que permeia as relações sociais". Assim, a adolescência não é, segundo ele, um período natural do desenvolvimento. É um momento significado e interpretado pelo homem, tendo marcas que a sociedade destaca e significa, como, por exemplo, as mudanças corporais. O que esta perspectiva busca é a superação da visão naturalizante e patologizante da adolescência, visão esta baseada na ideologia liberal, que vê o homem como um ser autônomo, livre, com a capacidade de se autodeterminar. Neste sentido, a adolescência deixa de ser vista como uma fase inerente do desenvolvimento humano e passa a ser compreendida como um processo construído historicamente (Peres & Rosenberg, 1998).

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência compreende a faixa etária que vai dos 10 aos 19 anos³. No entanto, esta faixa etária tem cada vez mais se alargado em função das demandas relativas ao processo de se tornar adulto em nossa cultura (ser independente economicamente, por exemplo). Muito deste alargamento ocorre devido à necessidade de um maior preparo para a entrada no mercado de trabalho; isto é, à demanda de um tempo maior de escolaridade e instrução (Ferreira, 1994). É na oportunidade deste "preparo" que se podem encontrar importantes diferenças entre as classes sociais. Dentre estas diferenças, pode-se citar um maior índice de concentração de gravidez na adolescência nas classes sociais mais desfavorecidas, como menor escolaridade, bem como a necessidade dentre os adolescentes mais pobres de adentrar na vida laboral mais cedo e ajudar nas tarefas domésticas (Chalem *et al.*, 2007; Gama, Célia & Leal, 2002; Minayo-Gomez & Meirelles, 1997; Oliveira, 1998; Oliveira & Robazzi, 2001).

Levando em conta o caráter sócio-histórico do fenômeno "adolescência", o objetivo do presente artigo foi estudar quais xingamentos seriam considerados pelos e

³ Pela Constituição Federal brasileira, a adolescência vai até os 18 anos.



pelas adolescentes, em Brasília, como mais ofensivos a homens e a mulheres⁴. O escopo foi analisar os valores de gênero nestas respostas e o controle social que os mesmos exercem no ato de xingar entre os adolescentes.

Metodologia

Foram utilizados questionários semiestruturados contendo quatro perguntas, uma acerca dos piores xingamentos atribuídos às mulheres; e a segunda, solicitando as situações nas quais esses xingamentos são utilizados. As mesmas perguntas foram feitas em relação aos homens.

Os questionários foram aplicados em duas escolas médias⁵, uma particular do Plano Piloto (área socialmente mais privilegiada), e outra pública, da periferia de Brasília, no Distrito Federal (área social menos privilegiada). Ao todo, foram aplicados 380 questionários: 243 na escola privada (119 em homens, 124 em mulheres); e 137 na escola pública da periferia (59 em homens e 78 em mulheres). Os dados foram submetidos a uma análise de conteúdo (Bardin, 1997), na qual foi possível apreender, em geral, as seguintes categorias: comportamento sexual (ativo ou passivo), traços de caráter (relacional ou de autoinvestimento), atributos físicos, atributos intelectuais, família e personalidade. A aparição (ou não) dessas categorias e a sua frequência foi variável a depender do recorte realizado, o que será apontado mais adiante nos resultados.

Além da análise de conteúdo, cujo enfoque é semântico, realizou-se também uma análise pragmática acerca do sentido do uso do xingamento. A segunda pergunta, acerca da situação de uso dos xingamentos, foi essencial nesta parte da análise. Neste sentido, um mesmo xingamento, como, por exemplo, o termo “vagabundo”, ora foi classificado como comportamento sexual (um homem que não

⁴ Tal estudo é parte de uma pesquisa maior, desenvolvida desde 2007, e em fase de finalização, cujo tema é “Xingamentos: entre a ofensa e a erótica”. Dados parciais já foram publicados em Zanello, Valeska & Gomes, T. (2008). Xingamentos: sintoma e Reprodução da sociedade patriarcal. In: Umar (Org.). (2008). *Quem tem medo dos feminismos? Congresso Feminista*. Lisboa: Nova Delph; Zanello, Valeska & Bukowitz, Bruna (2010). *Xingamentos em contos eróticos: transgressão ou reafirmação do mesmo?*. *Labrys* (Edição em Português. Online), v. 17, p. 3; Zanello, V. (prelo) Vagabundo" ou "vagabunda"? Xingamentos e relações de gênero. In: Araujo, J.N.G.; Martins, F.; Souza, M. (Org.). (2010). *Conhecimento, Subjetividade e Sofrimento Psíquico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, (prelo); Zanello, V. ; Gomes, T. (2010). *Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade* (submetido).

⁵ A escola média no Brasil corresponde em Portugal ao 10º e 12º anos. A escola média no Brasil corresponde em Portugal ao 10º e 12º anos. Apesar da elevada distorção idade-série, deve atender tipicamente a alunos de 15 a 17 anos de idade.

presta, “galinha”), ora como traço de carácter de autoinvestimento (um homem preguiçoso).

Resultados e Discussão

Xingamentos Atribuídos às Mulheres

Nos questionários das adolescentes, foram obtidos 1292 xingamentos atribuídos às mulheres. Foram encontradas seis categorias: comportamento sexual (68,58% das respostas), atributos físicos (14,34%), traços de carácter (9,64%), atributos intelectuais (3,52%), outros (2,35%) e família (0,06%). O gráfico abaixo mostra a frequência das categorias dos xingamentos às mulheres entre as adolescentes no Ensino Médio.

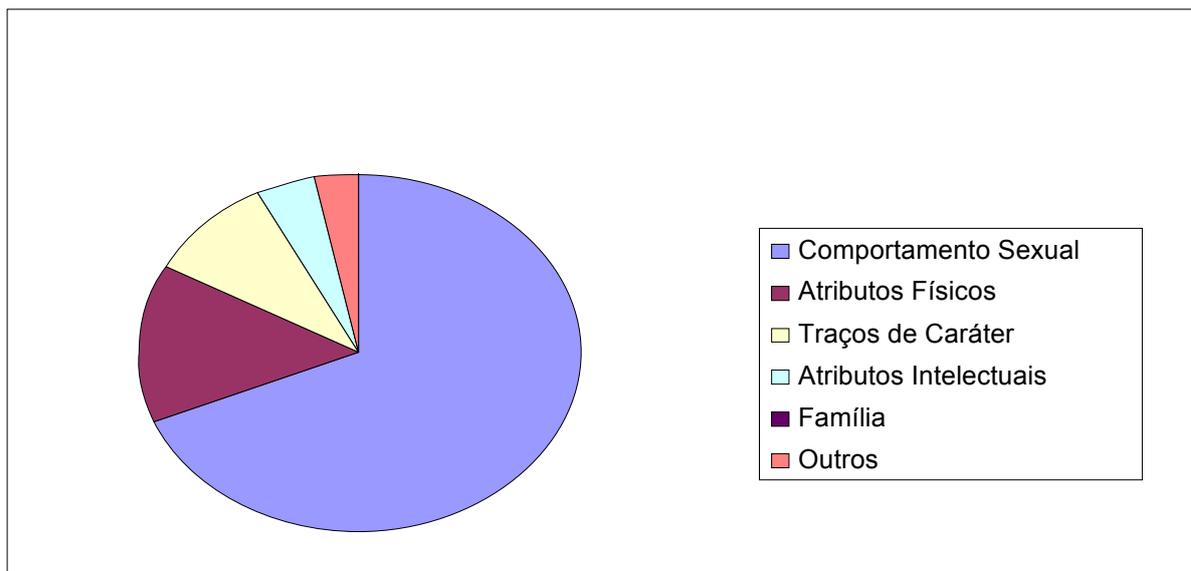


Gráfico 1- Xingamentos considerados pelas adolescentes como os piores atribuíveis às mulheres

Na categoria comportamento sexual, foram encontrados xingamentos que apontavam para um exercício ativo da sexualidade, tais como “puta”, “piriguete”, etc. Apesar da aparente “liberdade” sexual vendida pela mídia como presente no comportamento dos adolescentes, pode-se perceber que a ideia de atividade na sexualidade feminina é apontada no xingamento como um lugar a não ser ocupado



pelas meninas. Isto remete a arraigados valores patriarcais. Como nos disse Perrot (2003: 15): “A mulher ‘tal como deve ser’, principalmente a jovem, casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão com plena consciência”. Perrot (2003) aponta assim que, da mesma maneira que o corpo da mulher deve ser silenciado, seu desejo também deve sê-lo.

Nos atributos físicos, houve um destaque para os xingamentos relacionados às medidas do corpo, sobretudo à obesidade e ao ideal de magreza. Como nos disse Novaes (2006: 71):

“Contrariamente ao que acontece ao grupo dos homens, no universo feminino a rigidez é de tal ordem que não há justificativa possível para o não-atendimento dos imperativos da beleza. Enquanto no universo masculino o desvio com relação ao padrão de beleza está vinculado à falta de tempo, em função do ritmo atribulado da vida profissional, para as mulheres, não cultivar a beleza é falta de vaidade - um qualitativo depreciativo da moral.”

Já nos traços de caráter, destacaram-se valores relacionais, tais como o cuidado com o outro (“mentirosa”, “farsante”, etc.). Isto é, valores que ferem a dita “essência” feminina do cuidado com o outro, marcado pela abnegação, delicadeza, doação. Os valores atribuídos às mulheres como lhes sendo “naturalmente” próprios são, como dissemos acima, os do cuidado do outro. Ou, nas palavras de Bordo (1997:25):

“Por um lado, nossa cultura ainda apregoa amplamente concepções domésticas da feminilidade, amarras ideológicas para uma divisão sexual de trabalho rigorosamente dualista, com a mulher como principal nutridora emocional e física. As regras dessa construção de feminidade exigem que as mulheres aprendam como alimentar outras pessoas, não a si próprias, e que considerem como voraz e excessivo qualquer desejo de auto-alimentação e cuidado consigo mesmas. Assim, exige-se das mulheres que desenvolvam uma economia emocional totalmente voltada para os outros.”

Em uma parte de nossa pesquisa⁶, realizada com adultos, a categoria atributos físicos apareceu em terceiro lugar nos questionários aplicados em mulheres (Zanello,

⁶ Como apontamos, os dados aqui utilizados fazem parte de um projeto de pesquisa mais amplo.

no prelo), o que demonstra uma mudança na prevalência dos valores e exigência dos papéis sociais relacionados ao gênero. Enquanto os adolescentes se encontram em plena mudança corporal, mergulhados nos apelos da mídia e valores de nossa cultura, marcados por um ideal estético, os adultos são interpelados a cumprirem certos papéis sociais referentes às relações de gênero. Isto explica a prevalência dos xingamentos que apontam para o controle social sobre os traços de caráter relacionais entre as mulheres adultas, mais do que entre as adolescentes.

Nos atributos intelectuais, apareceram xingamentos que apontam para a inteligência, tais como “burra”, “mongol”, etc.

Nos questionários masculinos, foram encontrados 934 xingamentos atribuíveis às mulheres (259 do Ensino Médio Público e 675 do Ensino Médio Privado). Foram encontradas seis categorias: comportamento sexual (70,28% das respostas), atributos físicos (18,32%), traços de caráter (7,98%), família (0,32%), atributos intelectuais (1,05%), outros (1,95%).

O gráfico abaixo mostra a frequência das categorias dos xingamentos entre os adolescentes do sexo masculino, no Ensino Médio.

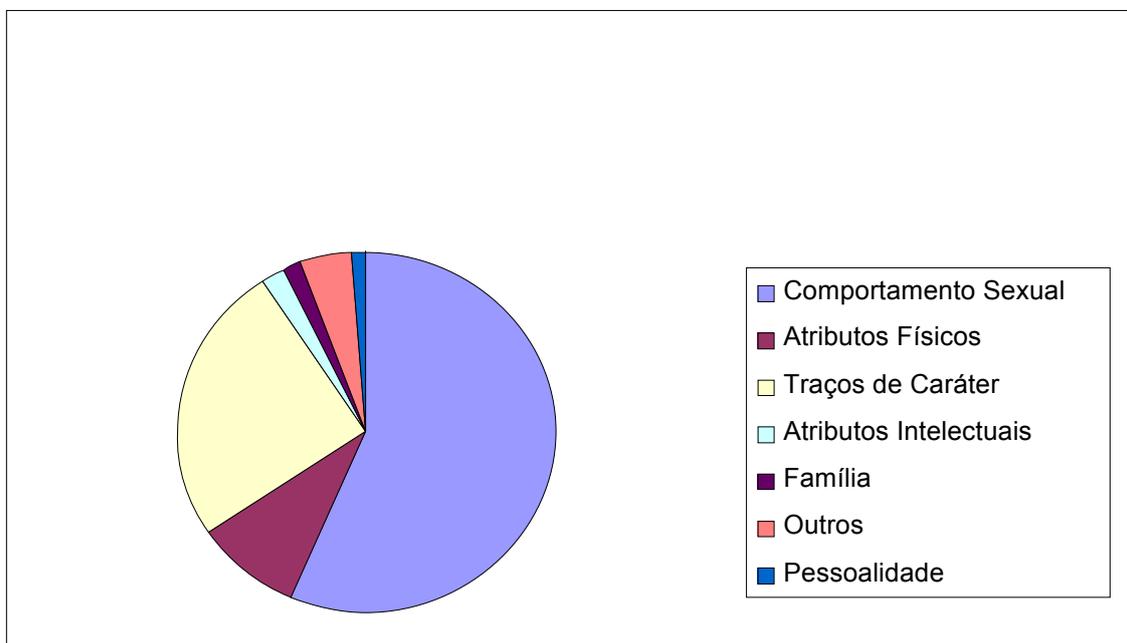


Gráfico 2- Xingamentos considerados pelos adolescentes do sexo masculino como os piores atribuíveis às mulheres

A distribuição da freqüência das categorias de xingamentos foi similar à encontrada nos questionários femininos. No entanto, nos questionários masculinos foi encontrada uma categoria que não apareceu nos questionários femininos: “família”. Nesta categoria, o adolescente acreditava que o pior xingamento possível a ser feito a uma mulher referia-se à sua família: em geral, ao ato sexual com sua mãe e sua irmã (“exemplo: “como (verbo) sua mãe!”). A sexualidade feminina, que deve ser tolhida e cuidada, reaparece nestas respostas: não apenas a mulher pode se “macular” ao “dar-se” ativamente em sua vida sexual, como também sua mãe e irmã!

Comparando as respostas dos questionários dos adolescentes e das adolescentes, pode-se observar no gráfico abaixo a similaridade da distribuição da freqüência dos xingamentos considerados como piores atribuíveis às mulheres:

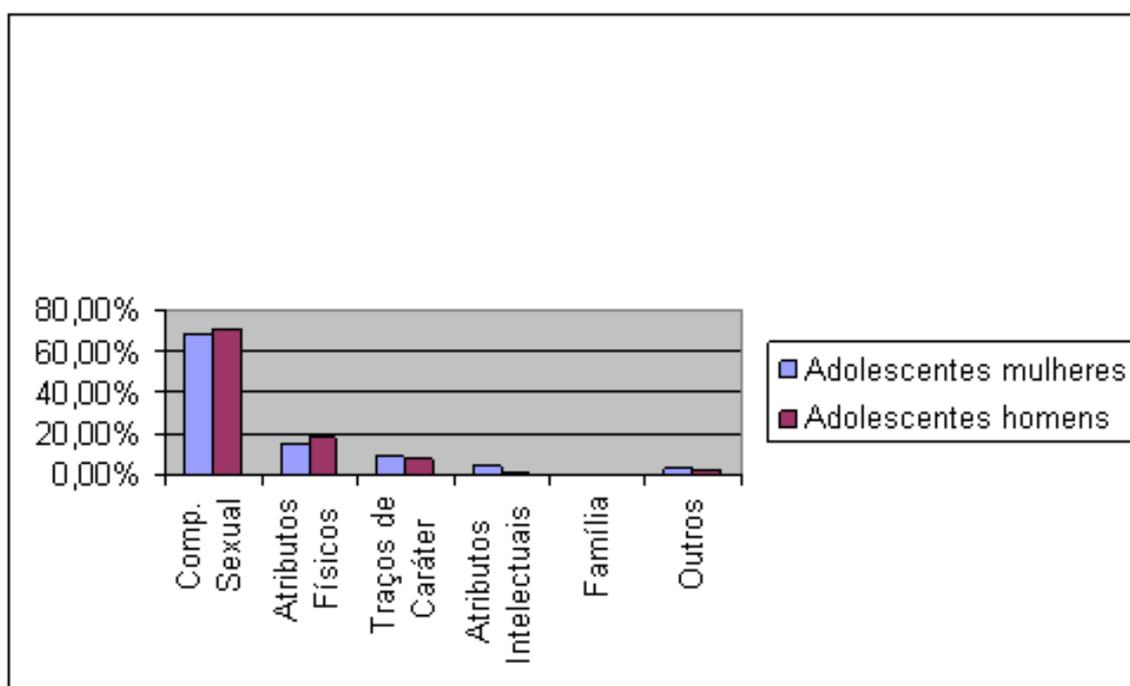


Gráfico 3- Comparação da frequência das categorias de xingamentos considerados como piores atribuíveis às mulheres pelos e pelas adolescentes

Xingamentos Atribuídos aos Homens

Nos questionários masculinos, foram encontrados 742 xingamentos (207 do Ensino Médio Público e 535 do Ensino Médio Privado) atribuíveis aos homens. Foram encontradas sete categorias: comportamento sexual (56,33% das respostas), atributos

físicos (9,17%), traços de caráter (25,34%), família (1,48%), atributos intelectuais (2,02%), personalidade (1,08%), outros (4,58%).

O gráfico abaixo mostra a frequência das categorias dos xingamentos entre os adolescentes no Ensino Médio.

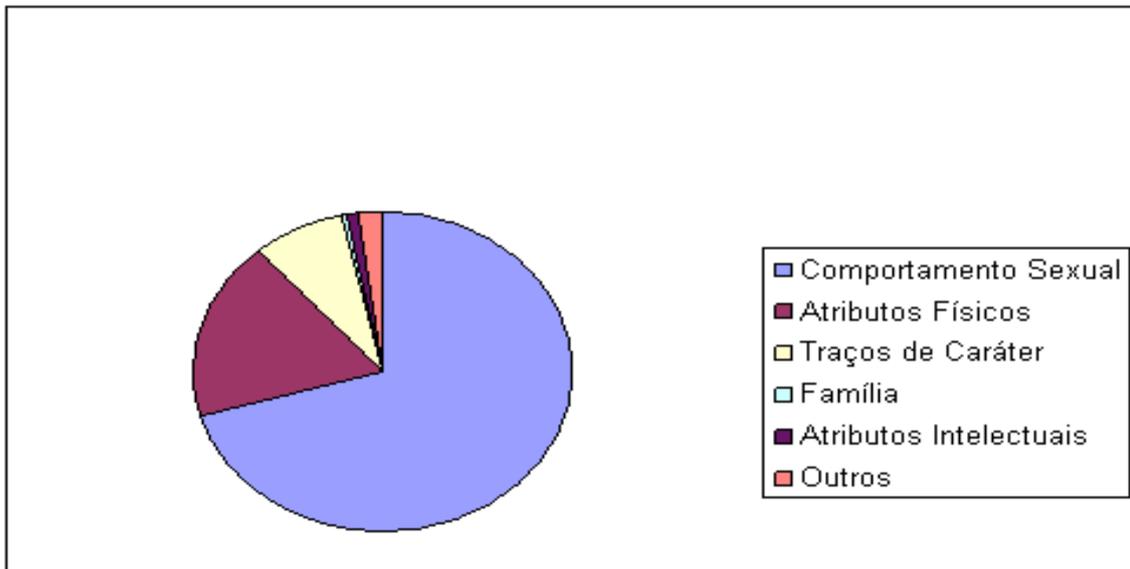


Gráfico 4: Xingamentos considerados pelos adolescentes do sexo masculino como os piores atribuíveis aos homens

Na categoria “comportamento sexual”, foram encontrados os xingamentos que apontam para a “passividade” no imaginário ocidental. Em geral, nos xingamentos de caráter sexual passivo o termo mais encontrado foi “veado”. Segundo Aranha (2002: 352), “veado” “usa-se, no Brasil, com muita frequência para insultar a vítima, identificando-a como homossexual masculino”. Araripe (1999: 46) completou afirmando que “o veado (...) é em todo o Brasil, o homossexual masculino *passivo*” (grifo nosso). Como apontam Welzer-Lang (2004) e Bourdieu (1998), o homossexual é visto como uma mulher em um homem, isto é, é desqualificado.

Segundo Badinter (1992: 172), a maior parte das sociedades patriarcais identifica masculinidade e heterossexualidade: “na medida em que continuamos a definir o gênero por comportamento sexual, e a masculinidade por oposição à feminilidade, é inegável que a homofobia, a exemplo da misoginia, exerce um papel importante no sentimento de identidade masculina”. A homofobia, que apareceu nos xingamentos relacionados ao comportamento sexual dos homens, relaciona-se ao



“ódio das qualidades femininas” (Badinter, 1992: 172). A virilidade sexual masculina parece assim construir-se na afirmação de uma negação da feminilidade, de modo mais negativo que positivo: ser homem, neste sentido, é não ser doce, não ser afeminado, não ser submisso... Os xingamentos sexuais apontam para um sentido de passividade, relacionado nas representações de gênero, ao “ser mulher”. O xingamento sexual considerado mais ofensivo neste caso (“veado”) é, portanto, aquele que aponta para uma proximidade, ou qualquer experiência que possa aproximá-lo, de ser uma simples “mulherzinha”.

A noção de virilidade seria assim, segundo Bourdieu (1998), eminentemente relacional, construída face e para outros homens e contra a feminilidade, numa espécie de medo do feminino. É neste sentido, que a virilidade deve ser eternamente provada, ficando o feminino relacionado à falta, falha, falência e vulnerabilidade.

Segundo Junior (2002), o termo “veado” é o particípio passado do verbo “venari”, significando “caçado”. Para Saffiotti (1987), a posição de caçador é vista, dentro da hierarquia binária patriarcal, como sendo a posição masculina, enquanto as mulheres estariam relacionadas à posição de serem “caçadas”.

Já nos traços de caráter, destacou-se o valor de autoinvestimento, tais como “fracassado”, “pobre”, “frouxo”, etc. Diferentemente dos traços de caráter relacionais (Dimen, 1997), valorizados nas mulheres, nos homens são valorizados traços de caráter de independência, isto é, de investimento em si mesmo, na autonomia e na produtividade. Neste sentido, a masculinidade aparece relacionada à ideia de virilidade e produtividade.

Para Dimen (1997: 48), o patriarcado constrói o gênero e este a psique, através de duas divisões de trabalho:

“A primeira, a divisão de trabalho emocional, interrompe o movimento fluido da experiência pessoal e o congela em dois momentos, ‘individualização’ e ‘ligação’. Individualizar é um ideal cultural de grande força. Conotando autonomia, atuação e singularidade, sugere também o tipo de adulto responsável só por si e por mais ninguém. Só o pronome masculino satisfaz aqui, pois, em nossa cultura (...).”

Nos atributos físicos, diferentemente dos xingamentos femininos, observou-se um centramento sobre o pênis ou os traços de virilidade (exemplo: “pinto pequeno”; “pau frouxo”). Como nos disse Novaes (2006: 69), “o elogio à estética masculina deve



ser feito de forma a ressaltar qualitativos como a impotência e a potência”. Apesar de os meninos também estarem passando por importantes transformações físicas, esta categoria fez-se bem menos presente do que dentre as meninas. Isto aponta para os diferentes valores de gênero já presentes nessa faixa etária. Novaes (2006: 70) sublinhou que “basta observarmos com atenção e constatarmos que a sociedade mostra-se mais condescendente e tolerante com a feiúra masculina”. Isto ocorre porque “(...) tanto a valoração como a sedução da imagem masculina dá-se a partir de conquistas sociais e econômicas.” (Novaes, 2006: 70). Encontra-se assim um sentido para a prevalência da categoria traços de caráter de investimento (25,34%) sobre os atributos físicos (9,17%) nas respostas dos meninos e no que eles consideram como piores xingamentos atribuíveis a um homem.

Nos xingamentos de cunho intelectual, apareceram, sobretudo, traços relacionados à inteligência. Enquanto na categoria “família”, foram apontados como piores xingamentos aqueles que se referiam ao ato sexual com a mãe do homem e/ou sua irmã.

Na categoria “pessoalidade”, foram considerados como piores xingamentos pelos estudantes aqueles que apontavam para aspectos pessoais de certas pessoas próximas ou da classe, tais como o nome (exemplo, “André”) ou o time de futebol preferido (“gremista”). Tais xingamentos são bastante utilizados no *bullying* escolar. Esta categoria não apareceu nos xingamentos atribuídos às mulheres, nem pelas meninas, nem pelos meninos.

Em relação aos xingamentos considerados como piores, atribuíveis aos homens, foram encontrados nas respostas das adolescentes mulheres seis categorias: comportamento sexual (59,75% das respostas), traços de caráter (26,57%), atributos físicos (7,88%), atributos intelectuais (3,05%), outros (2,26%) e família (0,49%).

Abaixo pode-se observar a frequência das categorias dos xingamentos considerados como piores atribuíveis aos homens pelas adolescentes no Ensino Médio. A frequência das categorias de xingamentos nas respostas femininas foi parecida com aquela encontrada dentre os rapazes. A única diferença encontrada foi que nas respostas masculinas a categoria “família” precedeu em frequência a categoria “atributos intelectuais”, ocorrendo o inverso nas respostas femininas. Isto quer dizer que os meninos consideraram mais ofensivo para um homem os xingamentos em que sua mãe e irmã apareçam em situações sexuais (“como sua mãe!”) do que as meninas.

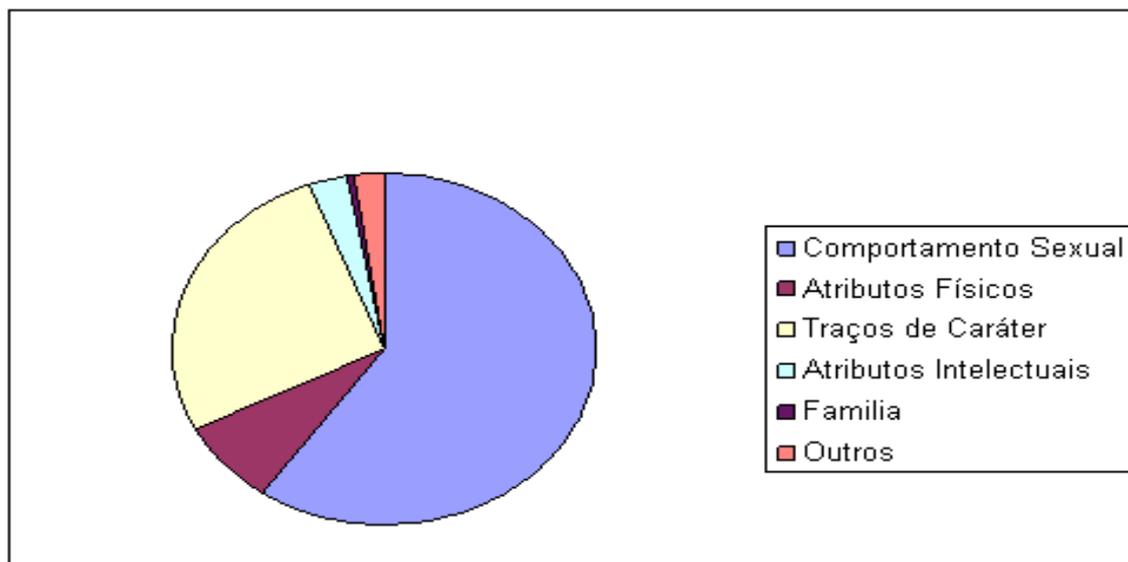


Gráfico 5: Xingamentos considerados pelas adolescentes mulheres como os piores atribuíveis aos homens

Comparando as respostas dos questionários dos adolescentes e das adolescentes, pode-se observar a diferença de frequência dos xingamentos considerados como piores atribuíveis aos homens no gráfico abaixo:

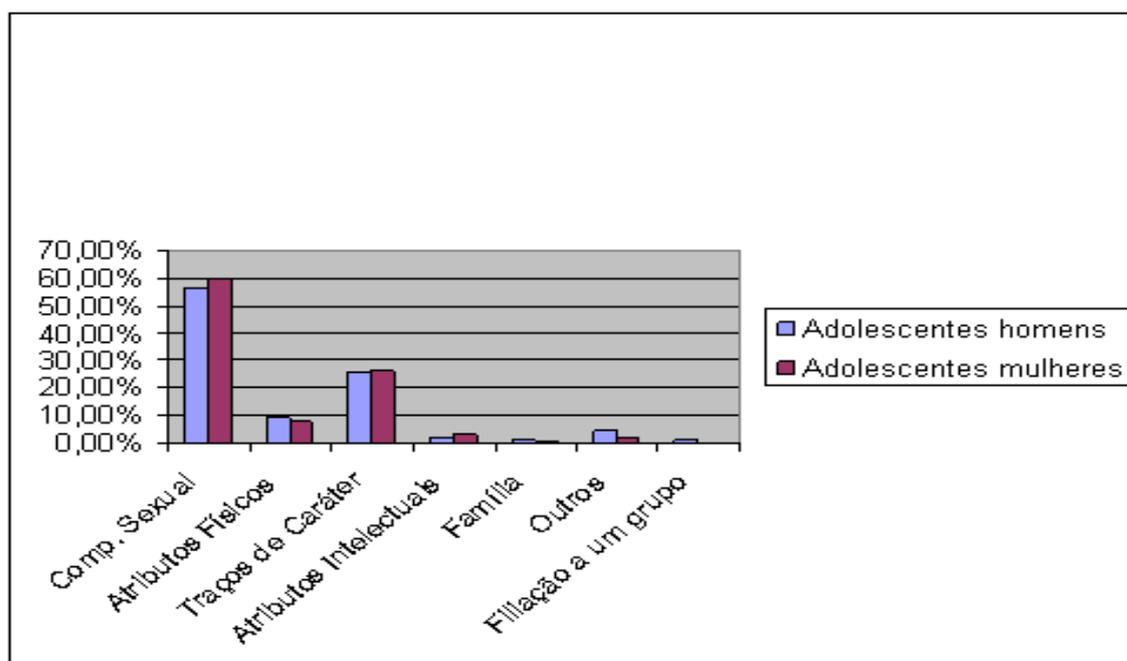


Gráfico 6: Comparação da frequência das categorias de xingamentos considerados como piores atribuíveis aos homens pelos e pelas adolescentes

Conclusões

Pode-se perceber através dos xingamentos considerados como piores, tanto dentre o público feminino quanto masculino de adolescentes entrevistados, uma prevalência de valores de gênero bem marcados: o xingamento vem mostrar, justamente pelo seu caráter ofensivo, os lugares que a mulher e o homem não devem ocupar; e, pelo seu reverso, o que deles é esperado.

Apesar das mudanças históricas e da aparente abertura e liberdade sexual, os valores encontrados apontam para lugares bem tradicionais relacionados ao homem e à mulher. Da mulher, esperam-se o recato e a renúncia à atividade sexual; do homem, ao contrário, um exercício ativo que coloque à prova sua potência e virilidade. Esta mesma virilidade apareceu nos traços de caráter masculinos, aqui identificados como sendo de “autoinvestimento”. Percebe-se assim pelo xingamento o que é interdito para o homem e o que lhe é desejável: ele deve ser potente e produtivo. A virilidade se impõe tanto na vida amorosa e sexual, quanto na vida laboral. É esta virilidade faltante que dá o caráter ofensivo a estes xingamentos direcionados a um homem.

Segundo Matos (2003: 122-123), ao homem se reservou a esfera pública, e à mulher o mundo privado: “Essa separação entre público e privado não pode ser identificada como algo inevitável ou natural, tendo sido construída conjuntamente com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para os sexos (...). Aos homens caberia enfrentar a competitividade do mundo público”.

Mesmo nos atributos físicos que apareceram em terceiro lugar nos xingamentos direcionados a um homem, pôde-se perceber uma exaltação da virilidade. Aqui, diferentemente dos xingamentos (na categoria atributos físicos) relacionados às mulheres, que denegriam a beleza, o principal membro ofendido era o pênis do sujeito, colocando em evidência a ofensa à sua virilidade. A fealdade em um homem é perdoável...

A ofensa pelos xingamentos da categoria “família” também passa pela virilidade, porém agora de um outro homem que coloca em situação desfavorável aquele que a recebe. Trata-se da virilidade de um outro que subjuga “mulheres respeitáveis”: a mãe e a irmã.

Nos xingamentos direcionados às mulheres, destacou-se, além da idéia da necessidade de renúncia sexual, a importância dos atributos físicos. Diferentemente dos xingamentos atribuídos aos homens, esta categoria ficou em segundo lugar. Uma



mulher, além de ser recatada deve ser bela e magra. Deve cumprir o ideal de beleza, submeter-se a uma ditadura estética. A fealdade no homem, como apontamos, é suportável, perdoável. Esta categoria apareceu em terceiro lugar na pesquisa realizada com adultos (Zanello & Gomes, 2010), sendo precedida pela categoria “traços de caráter”. A importância do corpo na adolescência mostra-se aqui fundamental. Em face das mudanças corporais, a adolescente deve buscar ajustar-se aos padrões de beleza e magreza de nossa cultura.

Em terceiro lugar apareceram valores relacionados a uma suposta “essência” feminina, marcada pelo cuidado com o outro e pela bondade. Trata-se dos xingamentos da categoria “traços de caráter”. Se o homem é valorizado pelo investimento em si mesmo e pelo sucesso pessoal, à mulher cabe, enquanto “tal”, cuidar, voltar-se para o outro. Como nos disse Bordo (1997: 25): “As regras dessa construção de feminidade exigem que as mulheres aprendam como alimentar outras pessoas, não a si próprias (...) exige-se das mulheres que desenvolvam uma economia emocional totalmente voltada para os outros”.

Os xingamentos, enquanto atos ofensivos, colocam em evidência valores de gênero completamente arraigados em nossa cultura. Ou seja, apesar da pluralidade de possibilidades construtivas de masculinidades e feminilidades, sobretudo numa fase como a adolescência, o caráter reacionário dos xingamentos demonstra o quanto as estruturas de nossa sociedade encontram-se ainda baseadas em valores tradicionais. A violência verbal, presente no caráter ofensivo do xingamento, aponta desta maneira para a reafirmação desses valores e dos lugares sociais que os sujeitos devem ocupar.

Pensar o uso da linguagem, e dos xingamentos especificamente, em sua relação com as especificidades dos grupos e da cultura, faz-se essencial. Pois, como nos apontou Amorós (2008: 13), “a linguagem das práticas sociais e os referentes simbólicos não questionados nos aprisionam: é necessário criar linguagens novas que correspondam ao que Wittgenstein chamou ‘outras formas de vida’”.

Referências Bibliográficas

- Amorós, C. (2008). Movimentos feministas e ressignificações linguísticas. In Tiburi, M. & Valle, B. (Orgs). *Mulheres, filosofia ou coisas do gênero*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, pp. 12-39.
- Aranha, A. J. (2002). *Dicionário brasileiro de insultos*. São Paulo: Ateliê Editorial.

- Araripe, M. (1999). *Linguagem sobre sexo no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Badinter, E. (1992). *XY De l'identité masculine*. Paris: Odile Jacob.
- Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições.
- Bordo, S. (1997). O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In Jaggar, A. M. & Bordo, S. R. (Orgs). *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos tempos, pp. 19-41.
- Bourdieu, P. (1998). *La domination masculine*. Paris: Seuil.
- Chalem, E; Mitsuhiro, S; Ferri, C; Barros, M. C; Guinsburg, R. & Laranjeira, R. (2007). Gravidez na adolescência: perfil sóciodemográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 23(1), pp. 177-186.
- Dépêche, M. (2008). Relações hiperbólicas da violência da linguagem patriarcal e o corpo feminino. In Stevens, C. & Swain, T. N. (Orgs). *A construção dos corpos- Perspectivas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres. p. 209.
- Dimen, M. (1997). Poder, sexualidade e intimidade. In Jaggar, A. M. & Bordo, S. R. (Orgs). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, pp.42-61.
- Fägersten, K. B. & Dalarna, H. (2007). *A sociolinguistic analysis of swear word offensiveness*. Documentos científicos da Universidade do Sarre, Suécia. Retirado de http://scidok.sulb.uni-saarland.de/volltexte/2007/1173/pdf/Beers_Faegersten.pdf, em 15 de maio de 2010.
- Ferreira, B. W. (1994). Adolescência hoje: uma abordagem sociológica. *Veritas*, 154, Junho, pp. 283-288.
- Foucault, M. (2006). *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal.
- Frege, G. (1978). *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix/USP.
- Gama, S., G., N; Célia, L., S & Leal, M., C. (2002). Experiência de gravidez na adolescência, fatores associados e resultados perinatais entre puérperas de baixa renda. *Cad. Saúde Pública*, 18(1), Rio de Janeiro. Recuperado em 20 de setembro de 2010 de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2002000100016&script=sci_arttext&tlng=es.
- Houaiss, A. & Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Junior, L. C. P. (2002). *Com a língua de fora - A obscenidade por trás de palavras insuspeitas e a história inocente de termos cabeludos*. São Paulo: Angra.



- Matos, M. I. S. (2003). Delineando corpos. As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In Matos, M. I. S. & Soihet, R. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, pp. 107-127.
- Minayo-Gomez, C & Meirelles, Z. V. (1997). Crianças e adolescentes trabalhadores: um compromisso para a saúde coletiva. *Cad. Saúde Pública*, 13, Rio de Janeiro. Recuperado em 20 de setembro de 2010 de http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X1997000600012&script=sci_arttext
- Novaes, J. V. (2006). *O intolerável peso da feiúra-sobre mulheres e seus corpos*. Garamond/PUC Rio: Rio de Janeiro.
- Oliveira, B. R. G. & Robazzi, M. L. do C. C. (2001). O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [online], 9(3), pp. 83-89.
- Oliveira, M. W. (1998). Gravidez na adolescência: Dimensões do Problema. *Cad. CEDED*, 19(45). Campinas. Recuperado em 20 de setembro de 2010 de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621998000200004&script=sci_arttext&tlng=es.
- Ozella, S. (2002). Adolescência: uma perspectiva crítica. In Contini, M. L., Koler, S. H. & Barros, M. N. *Adolescência e Psicologia*. Conselho Federal de Psicologia.
- Ozella, S. (2005). A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In Ozella, S. (Org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Pereira, A. C. (2005). Principais teorias da adolescência. In Pereira, A. C. *O adolescente em desenvolvimento*. São Paulo: Harbra.
- Peres, F. & Rosenburg, C. P. (1998). Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. *Saúde e Sociedade*, 7(1), pp. 53-86.
- Perrot, M. (2003). Os silêncios do corpo da mulher. In Matos, M.I.S. & Soihet, R. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP. pp. 13-27.
- Saffiotti, H. (1987). *O poder do macho*. São Paulo: Moderna.
- Stapleton, K. (2003). Gender and swearing: a community practice. *Women and Language*, 26(2).
- Welzer-Lang, D. (2004). *Les hommes et Le masculin*. Paris : Payot.
- Wittgenstein, L. (1991). *Investigações filosóficas* (J. C. Bruni, Trad.). Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural (Original publicado em 1953).



- Zanello, V. & Gomes, T. (2008). Xingamentos: sintoma e reprodução da sociedade patriarcal. In *Actas do Congresso Feminista 2008* (Calouste Gulbenkian), Lisboa.
- Zanello, V. (no prelo). "Vagabundo" ou "vagabunda"? Xingamentos e relações de gênero. In Araujo, J. N. G.; Martins, F. & Souza, M. (Org.). *Conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zanello, V. & Gomes, T. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade 2010 (submetido).